

## Resenha

Paulo Ghiraldelli Jr., org. *O que é Filosofia da Educação?*  
Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Antonio Basilio Novaes Thomaz de Menezes\*

Da acepção de paidéia na Antiguidade Clássica às reflexões contemporâneas levantadas, por exemplo, em *Les technologies de l'intelligence* (Levy, 1990), muitas são as referências à Educação na história da Filosofia. Fundamentais em muitos casos, como se encontra assinalado na organização da *polis* na *República* de Platão ou na compreensão da analítica do poder em *Surveiller et punir* (Foucault, 1979), qualquer referência se torna problemática quando a Filosofia da Educação é enunciada como um campo específico de saber.

Reconhecida como tal em outras áreas do conhecimento, ela é considerada senão que para a própria Filosofia como um saber menor. Hoje a reflexão filosófica sobre a Educação tem o mesmo estatuto daquele desenvolvido no campo da Matemática ou sobre os fundamentos filosóficos de qualquer outro tipo de saber. Ela se constitui em algo de pouco interesse para o campo filosófico ou, quando não, em algo incompreensível, acusada de fazer simplificações pelas especificidades que apresenta, a partir daquilo que se quer como o elemento filosófico.

É dentro deste quadro, portanto, que se torna clara a necessidade de recuperar este tipo de reflexão naquilo que lhe é mais próprio. Isto significa, voltar-se para a pergunta inicial que caracteriza: *O que é a Filosofia da Educação?*, ou seja, voltar-se para o seu estatuto e características na sua condição mais fundamental.

Uma visão geral sobre o sumário do livro, organizado por Ghiraldelli Jr. Com autores brasileiros e estrangeiros, logo re-vela ao leitor a delimitação histórica da pergunta-tema, a pluralidade dos seus enfoques e a sua pertinência no quadro de compreensão das práticas pedagógicas.

A Filosofia da Educação como forma de saber constitui um campo de conhecimento que surge com a modernidade simultaneamente ao advento da noção de criança. Configurada a partir de um contexto recente, mas com fortes referenciais históricos, ela não possui uma perspectiva única, sendo basicamente dividida em dois modos de argumentação, um que volta-se para a aplicação de algum autor ou filosofia no campo da Educação e outro que, tematizando-a, procura

\* Departamento de Filosofia - UFRN.

estabelecer um campo próprio de problematização e análise. Sendo que, em ambos os casos, têm-se em decorrência as distintas perspectivas de fundamentação e de crítica das práticas educacionais.

Assim, pontuando a discussão da pergunta-tema que orienta a composição do livro, encontramos os autores agrupados em três eixos diferentes. São eles: o eixo da abordagem histórica (Ghiraldelli; Smeyers & Marshall; Burbules; Severino), quando o objeto de análise está situado em relação ao quadro temporal da sua problematização; o eixo da abordagem autoral (Hermann; Gallo; Peters; Cunha), no qual o filósofo se constitui no principal instrumento de compreensão do campo educacional e, finalmente, o eixo da abordagem epistêmica (Mazzotti; Ericson), que problematizava a fundamentação e a orientação da Filosofia da Educação como um campo de saber autônomo.

De um modo mais detalhado, o leitor encontra sob cada eixo deste abordagens distintas, mas que assinalam uma curta complementaridade. Desta feita, na abordagem histórica têm-se a delimitação da pergunta-tema a partir dos diferentes aspectos estabelecidos no contexto característico de sua própria formulação. Ao passo que, na abordagem autoral, são dadas as condições de apropriação dos autores distintos num mesmo plano de problematização filosófica-educacional. E, finalmente, na abordagem epistêmica têm-se as diversas óticas através das quais se colocam os pressupostos específicos do seu campo de saber.

Com isto, o livro reserva um desafio nas suas várias entradas ou na concepção em aberto que apresenta a sua estrutura. Cabe ao leitor estabelecer as aproximações e as diferenças possíveis entre cada um dos autores tal como eles descrevem a sua temática em cada eixo de análise.

À exemplo disto, a abordagem histórica revela a *discussão metafilosófica* encetada por Paulo Ghiraldelli (7-88) no mesmo horizonte das dúvidas *pós-modernas* assinaladas por Nicholas Burbules (121-138), da descrição da *filosofia da educação no final do século XX*, de Paul Smeyers e James Marshall (89-120) e do *esboço de uma trajetória* brasileira traçada por Antonio Joaquim Severino (265-326).

Do mesmo modo, a abordagem autoral reúne em torno da análise da apropriação o artigo de Nadja Hermam (139-156) sobre a "provocação" de Nietzsche, as *notas deleuzianas* de Silvio Gallo (157-186), a reflexão sobre Wittgenstein de Michael Peters (225-246) e o exame da influência de Dewey na Escola Nova brasileira, de Marcos Vinícius Cunha (247-264).

Por fim, a abordagem epistêmica traz para um mesmo plano de elaboração os elementos constitutivos de um saber com estatuto próprio, explícito na preocupação de tarso Bonilha Mazzotti (185-204) em torno

da pergunta por *uma outra filosofia*, como também na problematização de David Ericson (205-224) do campo de atuação ou de uma *orientação para a filosofia da educação*.

Resta ao leitor, portanto, estabelecer a sua própria forma de entrada no texto e delinear através dos seus argumentos as relações e críticas pertinentes a cada esfera de problematização. Quem sabe, dessa maneira, este trabalho propicie uma compreensão mais clara da Filosofia da Educação e, por sua vez, a recoloque definitivamente no horizonte do debate filosófico.